



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolvé fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

17 de Março de 2007 • Ano LXIV • N.º 1644
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Temos observado a força persuasiva que dimana da ordem de um rapaz constituído em autoridade pelos seus coetâneos e o assentimento que lhe é conferido... Ninguém melhor!

Configurações

O êxito de um projecto educativo depende das factores internos e externas em que está inserido e que o condicionam, necessariamente. Também na Casa do Gaiato, entre nós, portanto.

Partindo da observação imediata da realidade, a primeira prioridade vai para a necessária pacificação das relações interpessoais — factor determinante.

Para tal, urge estar atento e reactivar, em cada momento e em cada circunstância, o clima de confiança sem o qual a «suspeita» domina e corrói.

Neste domínio tão importante exercem influência decisiva os chefes — irmãos mais velhos, propostos pela Comunidade — sempre atentos e interventivos às necessidades de todos e, se possível, de cada um. É uma tarefa árdua e que exige muita persistência. Numa Casa do Gaiato, por respeito ao seu método educativo, um chefe não é alguém que «faz de conta», muito menos «elemento decorativo»!

Ele é o elemento formal do método que, em acto contínuo, o sustenta, o configura e lhe dá corpo. Temos observado a força persuasiva que dimana da ordem de um rapaz constituído em autoridade pelos seus coetâneos e o assentimento que lhe é conferido... Ninguém melhor!

No entanto, há um trabalho de base onde os adultos não são excluídos, pelo contrário... Não é por acaso que nos Conselhos Pedagógicos implementados em cada uma das Casas do Gaiato, recentemente, os Chefes-Maiores e os seus imediatos estão representados por direito próprio numa configuração reconhecida pelo próprio Estado!

Os chefes são, sem dúvida, elementos fundamentais na orientação, participação e pacificação das nossas comunidades educativas.

A concertação dos espaços materiais constitui outra configuração condicionante no desenvolvimento do acta educativo. Pai Américo foi um educador que, partindo da alma humana, reconhecia, no entanto, e com lucidez rara, os condicionamentos dos espaços e ritmos em que ele se desenvolvia, considerando-os determinantes para o seu êxito. Foi assim que ele se tornou inovador e ousado no confronto com as práticas pedagógicas do seu tempo.

As condições em que se instalou a Aldeia dos Rapazes foram revolucionárias — o tratamento dado à «crápula» contrastava com tudo o que se fazia no seu tempo. O primado da Natureza como factor de relevo, a subtracção da pessoa ao ferrete do número e da indumentária, a abolição do espírito de caserna constituíram-se marcas de uma educação inovadora e contrastante.

Continua na página 4

Setenta e cinco anos

FÁ-LOS a Obra da Rua no próximo dia 19 em que a Igreja celebra S. José.

Foi o fim de um período de quase três anos, importante no percurso sacerdotal de Pai Américo — como que um *noviciado* a prepará-lo para a missão em que nesta data foi investido. «Padre!», enfim, desde Julho de 1929, nem ele se reconhecia inclinado para os trabalhos mais comuns da pastoral diocesana, nem o Presbitério de Coimbra via claramente o que fazer daquele padre bom e digno dentro dos quadros habituais da Diocese. Delicado, sensível que era, esta indefinição foi causa de sofrimento que ele assumiu como purificação. Importante, pois, este período!

O Espírito sopra quando quer. E soprou naquele dia de 1932 em que D. Manuel Luís confiou àquele seu padre «indefinido» o cuidado da Sopa dos Pobres e o mandou tratar deles — e assim lhe definiu a missão.

«Foi o que eu quis ouvir» — diria mais tarde Pai Américo. E ficou gravada a sua voz. Mas não ficou escrito aquele acto singular do seu Bispo que constituiu a sua nomeação: — «Vá tratar dos Pobres».

Desde o princípio a «desorganização» como marca perene na vida apostólica de Pai Américo! — o que jamais o impediu de «organizar-se» e de «organizar», nunca segundo critérios mundanos, sempre ao sabor do Espírito em Quem tudo começa, por Quem tudo se realiza.

Os oito anos vividos nas ruas de Coimbra «a tratar dos Pobres» em substantiva desorganização, ele mesmo lhes chamaria «caóticos», mas não estereis. Ao longo deles pode não ter surgido um corpo que se registre; mas chegaria mesmo o momento de dar forma e vida a um corpo, a um ser que houve de institucionalizar-se; e foi-o com o nome de Obra da Rua. Preferível teria sido a escolha do nome de Casa do Gaiato, já que foi o surgir destas, o sinal do nascimento do corpo visível e temporal que determinou o registo — que o das almas não consta em nenhuma Conservatória deste mundo! Um equívoco em que, ao tempo, não se reparou, mas de que Pai Américo deu fé; e, embora mantendo a analogia dos termos, denunciou em 1952, em artigo justamente intitulado «Um Equívoco», n.º O GAIATO de 24 de Maio:

Continua na página 3



Casa do Gaiato de Coimbra, berço da Obra da Rua.

Setúbal

Um caso difícil

O Alf é um pequeno guineense que veio a Portugal para fazer um tratamento a um problema físico congénito. A mãe, que o trouxe, alugou um quarto que não tem conseguido pagar e, sempre que tem de levar o filho à consulta hospitalar, mete-se na aventura de viajar no transporte público sem dinheiro para o bilhete. Por três ou quatro vezes foi multada...

Não se percebe como publicamente passa despercebido um caso difícil como este, desta mãe e do seu pequeno. Será que a lei cegou quem tem autoridade para multar ou perdoar? Perdeu-se o bom senso? Ou será que a autoridade está na lei e os indivíduos que a fazem cumprir se despem da sua condição humana?

Falaram-lhe de nós...

Sem avisar antecipadamente da sua vinda, com a ajuda que alguém lhe pôs nas mãos, apareceu em nossa Casa. Gostamos destas aparições; nascem da espontaneidade que a necessidade ilumina.

Depois de conhecer minimamente a situação, o coração apertou-se-me e a dúvida invadiu-me: seremos nós capazes de acolher uma situação assim?

Quem terá de lidar muito de perto com o Alf tranquilizou-me. Nunca poderíamos dizer que não.

Agora, era ver como iriam reagir os rapazes; não sabia como seria.

O Hildeberto depressa desfez as minhas dúvidas. Pegou no Alf ao colo, emprestou-lhe a máquina de jogos que nesse mesmo dia o pai lhe oferecera como prenda de aniversário, e levou-o para o bar para verem televisão.

No dia seguinte, outro rapaz veio-me dizer que gostava muito do Alf, mas que este não lhe ligava. Ora eis! O Reino é das crianças!

Tudo espontaneidade. Tudo liberdade. Tudo amor.

É esta a nossa lei! Lei do amor. Os rapazes, mais ninguém, conhecem-na e põem-na em prática. Não conhecem as burocracias nem os preconceitos dos adultos. Tudo neles é verdade.

De há algum tempo para cá que me venho inquietando muito com o anonimato, a frieza e desumanidade de organismos que existem para servir a sociedade, mas que estão cada vez mais longe dela. Será que o fazem para não se deixarem manchar?

As opções sociais que se vão tomando, mesmo ao nível das escolhas do próprio povo, estão a transformar a vida numa experiência destituída de calor humano. Se este não existir, que será do homem?

Vamos ver que mais nos vão ensinar o Alf e os Hildebertos com quem vivemos.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Lourdes, de Cacém, 35 euros, «algumas migalhas». Da Maia, assinante 35068, presente com 100 euros: «Foi com grande surpresa que tomei conhecimento que os donativos para a Conferência têm escasseado. Será que os corações se têm empedernido?»

O assinante 71198, de Camarate, presente com 150 euros.

Assinante 11856, do Porto, 150 euros «pela vista do meu marido que teve uma trombose no último olho que lhe resta e, por isso, tenho pedido ao Padre Américo».

De Lisboa, a assinante 20617, tomou conhecimento «que a Conferência de Paço de Sousa se encontra em apuros».

Vinhais, assinante 22995, «com pequena migalha, pois os remédios dos Pobres são muito caros».

Outra assinante com o número 45953, de Gondomar: «Não preciso que mandem recibo, porque reformada não faço descontos. Só peço a Pai Américo interceda por nós».

Agora, vem lá uma senhora, assinante 5963, de Paço de Arcos, que mandou 750 euros, e as suas saudações.

Mais 30, da assinante 35019, de Lisboa.

Assinante 12263, também de Lisboa, 250 euros, «relativamente a não ter chegado nada para os doentes».

Assinante 25881, de Setúbal, com 15 euros. «Fiz o meu marido, então meu noivo. Até hoje, Deus concedeu-me a graça que até eu nunca vi um desafio...» A Senhora diz, ainda, muito do seu coração.

Vem lá, agora, o assinante 79595, de Custóias, com 50 euros, destinados «aos ressuscitados que vos procuram».

Assinante 50410, com cheque de 100 euros. «Gostaria de poder mandar muito mais».

Entretanto, chega da assinante 113, do Porto, «uma lembrança no Dia do Doente, com 230 euros».

Outra Senhora, assinante 29921, de Matosinhos: «Vem a notícia da falta de verba, em Fevereiro, para ajuda dos Pobres que precisam de algo para a sua saúde. Envio cheque de 50 euros para o que for preciso».

Mais, 50 euros, do assinante 68709, da Covilhã.

Uma Senhora, de Peniche, com 20 euros.

Do Porto, a assinante 63390, «em resposta ao vosso apelo, aqui vai uma ajudinha para a vossa Conferência: 250 euros».

Mais outra Senhora, Matilde, também do Porto, «50 euros, como ainda Estudante de Economia».

Mais, 50 euros, de Celorico de Basto, assinante 59455. Outros 50, da assinante 22253, de Lisboa. A mesma diferença, de Lili, Santo Tirso, 50 euros. Agora, 60, do assinante 64183, de Custóias. Mais, 500, de algures. Mais, 100, da assinante 25055, de Amadora. Quinze deles, do assinante 44828, de Lisboa. Assinante 79955, de Lavra, com 20. Mais, 50 euros, do assinante 28708, de Coimbra. Também de Coimbra, 200 euros «para as necessidades dos Pobres». Quinhentos, do assinante 65318. Duzentos, do assinante 12623, de Lisboa.

Carregosa, Beatriz, com 450 euros. Por fim, 100 euros, da assinante 14866,

de Santa Cruz do Douro, a quem apresentamos a nossa consideração.

A gratidão para todos os Amigos dos Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

POBRES — Em tempo oportuno, o casal ergueu sua casa, por autoconstrução, sabe Deus como!

Agora, porém, a esposa tem problemas de saúde, não pode trabalhar mais, tem apenas 30 anos...

Entretanto, apareceu algo para entregar no Banco. Segundo a mulher «só é necessário não tomarem conta da casa que tanto trabalho nos deu...»

Os olhos desta mãe, acompanhada da filha, inteligente, que frequenta a escola primária, normal entre os Pobres. Por isso, o Senhor lhes dê o necessário.

O que a gente por aí vê... Desgraças!

Agora, a assinante 11639, toma a liberdade e a generosidade de dar um CD interessante, mas, na verdade, os Pobres não usam a luz que precisam.

Júlio Mendes

Benguela

A MINHA EXPERIÊNCIA DE CHEFE — Desde pequeno, eu tinha, sempre, em mente que ser chefe é um trabalho muito fácil; e como pensava assim desejava sê-lo. Por vezes, ouvia alguns dos mais crescidos a dizerem que era *cunha* quando os chefes recebiam, do Senhor Padre, algum estímulo pelo seu trabalho; pois não entendiam o quanto é difícil ser chefe. E como não entendia porque os chefes eram tão estimados assim, também dizia a mesma coisa, por aliciação dos mais crescidos.

Quando atingi os 17 anos de idade, o Senhor Padre Manuel António pediu-me, um dia, se eu aceitava ser chefe da nova casa três, que era habitada por alguns mais pequenos, cá da Casa, e eu aceitei.

No princípio, estava a trabalhar como sub-chefe, ajudando o Kanema (Rodman) que é mais crescido do que eu. Depois de algum tempo, ele foi transferido para a casa 1 r/c, por causa de uma vaga que lá havia, e eu é que tinha de substituir o lugar dele como o primeiro chefe da casa.

Para ganhar rotina no primeiro dia tive que me levantar primeiro que os pequenos e despertá-los, para os acompanhar nos banhos, ver se estavam preparados para irem prá Escola. À noite, acompanhá-los nos banhos, antes de se deitarem; e arranjar um tempo para os educar, com a minha pouca experiência de vida; como?, contando-lhes histórias com lições morais e fazê-los entender a lição que a história traz, e também lhes ensinar como se tem de viver e como não, para que a casa não perdesse reputação por falta de disciplina, por parte deles.

Apesar de tudo, este trabalho tem-me cansado muito, porque noto, muitas das vezes, que os pequenos não estão a pôr em prática o que lhes tenho ensinado; e, assim sendo, vou, de vez em quando, lembrá-los, se estiverem a andar muito fora da linha certa. Para além disso, cansa-me, também, aturar as teimosias de alguns deles, aturar alguns berros como chamadas de atenção; ouvir as queixas dos professores e, em fim, sem mais

delongas, eu digo que aturar os pequenos é muito cansativo. E há vezes que digo: «Vou deixar de ser chefe». Mas, depois, vêm umas palavras encorajadoras, ou alguns estímulos, por parte do Senhor Padre, como, por exemplo, ter um passeio só dos chefes da casa, passando o dia todo na praia. E, isto, tem-me dado muita força para poder continuar com a tarefa que me foi confiada.

O que me dá muita força de vontade, também, são as comparações que o Senhor Padre tem feito, quando estamos em reunião de chefes. Ainda me lembro de uma vez em que ele comparou os chefes com as colunas de um edifício. Eu reflecti muito sobre esta comparação e achei-a muito bonita. E é bem verdade que num edifício sem colunas, o tecto não é tão seguro como num edifício com colunas. Por isso, eu admito que sou uma coluna e não vou aceitar que o telhado caia; para isso, tenho de ser muito forte.

Apesar do cansaço, dos berros e dos aborrecimentos de alguns, eu estou a gostar da experiência de chefe, porque, com essa experiência, já não terei muitas dificuldades em ser chefe de família, pois já me tenho deparado com alguns casos um pouco difíceis e estou a tentar superá-los. Estou a guardar cada caso comigo para, quando for pai dos meus filhos, não ter dificuldades em resolver situações idênticas.

Também considero esta experiência como uma formação muito importante que estou a receber da Casa do Gaiato. No futuro, é com ela que eu vou conseguir enfrentar os meus problemas sociais. Só depois de entender que o trabalho dos chefes não é tão fácil como eu pensava, é que comecei a dar razão ao porquê de o Senhor Padre estimar tanto os chefes.

UM APELO AOS QUERIDOS IRMÃOS GAIATOS — Não deixem que o trabalho assuste a vossa alma. Em quanto és rapaz da Casa do Gaiato, enfrenta qualquer trabalho de responsabilidade que te for confiado. Assim, estarás a exercitar-te para poderes enfrentar, sem grandes dificuldades, os desafios sociais fora da Casa do Gaiato.

António João de Jesus

Setúbal

HORTA — Esta semana os nossos rapazes estiveram a sachar as nossas favas e ervilhas, que começaram agora a crescer. Também semeámos algumas batatas velhas. Esperamos que, este ano, as nossas favas e ervilhas dêem com abundância.

LARANJA — Os nossos rapazes têm andado a apanhar laranjas para fazer sumo, pois o sumo de laranja ajuda muito a prevenir estas gripes que vão aparecendo com este tempo.

GRIPE — Nestas últimas semanas a gripe e a febre atacou os nossos rapazes, e alguns deles estiveram de cama. Este tempo não tem ajudado nada, pois ora faz sol, ora faz frio. Esperamos que estes casos de gripe melhorem, pois de vez em quando lá vai aparecer mais um.

CAMPO DE JOGOS — O nosso campo de jogos foi inaugurado este fim-de-semana pelos nossos rapazes. Foram logo jogar a bola, passando a

tarde de sábado a jogar. Divertiram-se, pois só saíram de lá quando já não se via a bola. Gostaram muito do novo campo e, por agora, esperam voltar a jogar lá todos os dias nas horas vagas.

CASA DE FÉRIAS — Nestas duas últimas semanas, o senhor Paulo e o Jaime, têm ido para a nossa casa de férias tratar do problema dos esgotos que tivemos este Verão, af. Esperamos que na próxima época banear esteja tudo em ordem para lá podermos passar as nossas férias de Verão.

JARDINS — O «Monchique» e a D. Isaura andaram a plantar algumas plantas novas para pôr a Casa mais bonita. O «Lota» já esteve a dar remédio para matar os piolhos das plantas. O «Monchique» andou a arrancar as ervas do jardim. A chuva tem-lhes dado uma grande ajuda na parte da rega. Esperemos que as flores desabrochem e dêem um ar mais alegre à nossa Casa.

Gualberto

Associação de Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVOCATÓRIA — Convoquem-se todos os Associados para uma Assembleia Geral a realizar no dia 25 de Março do presente ano. Concentração no átrio da Igreja Paroquial, em Santo Antão do Tojal, pelas 10h00.

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Futuro da Associação;
2. Finanças da Associação.

Comparece!

Antigos Gaiatos de Lisboa

Paço de Sousa

DESPORTO — Os nossos Rapazes estão a regressar às vitórias. Desta vez, deslocamo-nos a S. Romão do Coronado, para jogar com a equipa local, que milita na A.F.P. Fomos recebidos por toda aquela gente, com amor e carinho, e no final do jogo, depois da merenda oferecida por eles, ainda tivemos que carregar a nossa Toyota, com uma série de caixas e sacos cheios de coisas que eles nos ofereceram. O nosso Grupo Desportivo é, cada vez mais, um veio de ligação entre a Casa do Gaiato e as pessoas boas deste País.

Já os tínhamos recebido em nossa Casa, e tínhamos ganho. Agora, em S. Romão, com golos de Ricardo Filipe (1), Patrick (1), «Pretinho» (1), Rogério (1) e o «endiabrado» Agostinho (3), contra um do adversário, voltamos a arrecadar nova vitória. Teixeira, logo aos 10 minutos de jogo, fez a defesa da tarde e no final do desafio, Gil e «Bolinhas», estavam arrasados. «Gadanhos» estreou-se a titular, tendo cumprido exemplarmente o lugar de defesa esquerdo. «Garnisé», também entrou, e no pouco tempo que jogou, mostrou que com o andar dos tempos, tem lugar certo nos dezoito. Joel substituiu o «irrequieto» Agostinho e não esteve mal. António Pedro ocupou o lugar do Teixeira a 15 minutos do

fim e este à altura de vestir a camisola (12). Pode ser que eles ganhem gosto e não peçam muito ordenado. Se for igual ao atleta mais bem pago do Grupo, já não é nada mau: ZERO! Jogar por amor à camisola, tem outro sabor...!

No dia 11 de Fevereiro, recebemos os famosos «craques» do G. D. Sona. Como o nosso «Balão» trabalha lá, claro!, não podia passar sem organizar um jogo na sua Casa-Mãe e com os seus. Fazia parte deste grupo, para além do já referido «Balão», o Dénis. Ficamos satisfeitos por este reencontro. Aliás, quem é que não fica contente por ver, de novo, as pessoas de família com quem há muito não se está?!

Falando um pouco sobre o jogo, não foi fácil. Muita chuva e com o terreno bastante empapado, foi necessário arranjar forças dobradas. Mas se os homens da Sona tinham genica, e disso que ninguém duvide, os nossos Rapazes conseguiram resistir, acabando por ser mais fortes, ao ponto de marcarem três golos por intermédio de Rogério (1), Ilídio (1) e António Sérgio (1), contra dois do adversário. Registou-se assim, mais uma vitória, para premiar estes briosos Rapazes, que se bateram com dignidade, demonstrando mais uma vez, de como se deve estar dentro das quatro linhas. Assim gosto! Isto de chegarem aqui, e julgarem que são «favas contadas», pode não passar de um simples sonho. Os homens não se medem aos palmos!

Para a equipa adversária, nota positiva para o guarda-redes que nos fez lembrar velhos tempos, e para o «Balão», que também foi impecável dentro e fora das quatro linhas. Para a nossa equipa, seria injusto realçar um só que fosse, já que todos foram uns verdadeiros gigantes.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

VISITAS — No dia 16 de Fevereiro de 2007, recebemos a visita de uma escola de Guimarães. Infelizmente chegaram muito atrasados em relação à hora prevista de chegada, o que não lhes permitiu estarem muito tempo connosco. Além deste imprevisto, aliou-se um dia muito frio e chuvoso. Apenas foi possível fazer uma visita rápida à nossa Casa, não tendo havido, assim, um tempo para conviver e brincar.

No entanto, trouxeram-nos algumas ofertas, nomeadamente produtos alimentares, pelo que, queremos deixar aqui o nosso agradecimento.

No dia 23 de Fevereiro, recebemos a visita de outra escola, agora vindos da Covilhã. Passaram parte do dia connosco, convivemos uns com os outros, brincámos... enfim, foi muito divertido. No final ofereceram-nos algum material escolar, bem como roupas.

Deixamos aqui uma palavra de agradecimento pelas ofertas.

No dia 5 de Março de 2007, vieram visitar-nos alguns alunos do 6.º ano de uma escola de Guimarães. Visitaram a nossa Casa, jogaram futebol connosco, almoçaram cá e, a meio da tarde, foram-se embora. Foi um convívio muito agradável.

O nosso bem-haja pelo convívio que nos proporcionaram.

Setenta e cinco anos

Continuação da página 1

«A *Obra da Rua* nasceu há doze anos e teve por padrinho um estatuto dado pelo governador civil de Coimbra. Um outro estatuto, pelo governador civil do Porto. E o último, foi na Arcada, por um magistrado da Nação. Todos dizem essencialmente o mesmo, porque inspirados na mesma lei. Aceitei os três instrumentos. Tinha evidentemente de me munir deles, para ter voz nos ministérios. Não me deixariam, tão pouco eu poderia, só por mim, fazer a demonstração do *Incrível*, sem primeiramente me acreditar. A história universal está cheia destes casos, em todos os campos aonde o homem passa a ser chamado. Nós sabemos e cuidamos que isso foi outrora, sem reflectirmos que também pode ser hoje. Pode, sim. Eu estou a fazer história. Aceitei os três documentos como facilidade de agir, mas nunca com o propósito de fazer como lá vem. Eu nunca li nenhum deles.

Doze anos andaram. As provas estão feitas. A *Obra* acreditou-se. O *Incrível* aparece em beleza estonteadora. É tempo de desfazer o equívoco: Nós não somos uma *Obra de Assistência*.

Sem olhar ao cofre, vamos direitos às feridas do Pobre. O abandonado que nos bate à porta, entra e ao depois vamos procurar o seu pão. Uma *Obra de Assistência* não faz assim.

Nós somos a porta aberta ao indigente de qualquer terra, cor, idade, credo. Todos os

defeitos. Todas as pústulas. Todos os vícios. Eles são nossos em qualquer tempo, em todo o local, todas as idades, na vida e na morte. Quando, pelos Finados, os nossos mais pequeninos pedem dinheiro para assear as campas dos seus irmãos mortos, dizem que não somos uma *Obra de Assistência*. E também dizem a mesma coisa, se nos pedem um presente de anos, se vão mais eu dar um passeio, se viajam de avião, se vão para África em segunda-classe, levando na sua bagagem o smoking branco das festas. O Papagaio, na sua bicicleta, confirma. Temos vivido um equívoco e nada mais.

(...) Poderá alguém tomar-nos por indisciplinados — mas isso é outro equívoco.»

Era 1952 — apogeu de um regime autoritário. Se alguém tomou por indisciplinada este grito de Pai Américo... — nunca constou!

Em saudável indistinção de nomes, conforme à natureza das realidades com alma, a *Obra da Rua* continuou impregnando do seu espírito, tomado somente do Evangelho, as acções a que dá corpo: Casas do Gaiato, Calvário, Património dos Pobres, alívio a estes nas suas agruras.

Os tempos mudaram, não há dúvida. Explodiu a evolução. Para melhor? Para pior? Para confundir?, qual Babel renascida?...

Hoje não é tão simples a Simplicidade.

Padre Carlos

Experiência no Calvário

A minha vida é sempre feita de desafios. Desta vez foi o nosso padre Baptista que me convidou a fazer uma experiência no Calvário. Aceitei o desafio. Fui para lá cheio de medo. Nunca tinha vivido uma experiência igual.

Na primeira semana encontrei-me totalmente perdido. Não sabia o que fazer nem por onde começar. Não tinha coragem de servir os doentes. Sentia-me muito nervoso.

Fiz-me padre para servir. E ali estava perante uma missão que exigia muito de mim. Exigia muito amor e doação total.

Muitas vezes falamos de vocação, mas o dia-a-dia fala mais alto. No Calvário aprendi o verdadeiro sentido da minha vocação. Vocação é doar a vida por amor. O amor verdadeiro é doar-se total-

mente, servir sem nada esperar em troca. No Calvário vivi o verdadeiro sentido de amor: «tive fome, e me deste de comer, sede e me deste de beber, estive nu e me vestiste...»

É bonita a experiência do Sábado quando vêm algumas pessoas de fora, algumas de longe — do Porto, para ajudar a dar banho aos doentes. São pessoas generosas que com o seu testemunho de vida tocaram o meu coração. Fazem tudo por amor respondendo ao apelo de Jesus: «o meu mandamento é que vos ameis uns aos outros». Foi um desafio muito grande para mim, ver estes homens a viverem a vida de Cristo, a identificarem-se com Ele e a comprometerem-se com Ele. São Evangelhos vivos.

O mais bonito de tudo no Calvário é ver os doentes a servirem

outros doentes. Tudo anda limpo e bem arrumado. São eles que fazem tudo. Varrem, limpam, ajudam na cozinha e cuidam uns dos outros. A Casa anda sempre limpa, por dentro e por fora. Tem um verdadeiro espírito de união e comunhão. Sentem-se em casa, fazem do Calvário sua própria casa e valorizam tudo o que lá existe. Valorizam-se também uns aos outros. Tratam-se com muito respeito e com muita amizade.

Aos Domingos vão à Eucaristia numa Capela linda e acolhedora. Rezam, cantam e participam na celebração com muita alegria.

No Calvário vivi uma experiência muito rica. Aprendi muita coisa. Encontrei um clima de muita paz e isso deu-me também muita paz interior que eu tanto necessitava.

Padre Custódio

«Em recente festa de anos, disse às pessoas que me acompanharam que não desejava receber prendas. Gostaria, sim, que cada um, na medida das suas posses, entregassem dinheiro num envelope, o

AGRICULTURA — Nesta época do ano o nosso trabalho centra-se na preparação das terras para depois se semear as batatas, ou seja, andamos a estrumar e a lavrar os terrenos para de seguida se semear as batatas.

Esperamos que o tempo ajude e que tenhamos uma boa colheita.

ANIMAIS — Temos cá em Casa 12 gansos muito grandes e bonitos. Há uns dias para cá começaram a pôr ovos. Os ovos são enormes!

Gaiatos do Alternativo

Correspondência dos Leitores

qual seria por mim dirigido à *Obra da Rua*.

Aqui segue o valor que consegui reunir. Farão com ele o que melhor entenderem, sabendo eu que todos os que vivem a alegria da vossa comunidade merecem tudo o que possamos dar-lhes. Eu sei que Cristo nos compreenderá a todos...

Assinante de Lisboa».

«Graças a Deus, cá estou eu, de novo, a agradecer as orações que fizeram por nós durante este ano e a enviar mais um grãozinho de 'areia' para ajudar a *Obra da Rua*.

Gostava de ser capaz de dizer coisas que sinto, mas não tenho a inspiração do nosso Padre Telmo.

Assinante 60050».

«(...) Contra ventos e marés continuem a trilhar sem quaisquer desfalecimentos os caminhos e ensinamentos do Fundador dessa extraordinária *Obra*, o saudosíssimo Padre Américo, que se tivesse pisado 'outros caminhos' hoje seria lembrado como um dos maiores Pedagogos do século XX e a sua doutrina obrigatória nos compêndios das nossas escolas!....

Assinante de Gondomar».

DOCTRINA



Ouvintes fervorosos do Sermão da Montanha!

MAIS outra:

«Aproveito o ensejo para agradecer, como católico e como português, a grande *Obra* de caridade que empreendeu. A santa revolução que ela representa constitui a melhor apologia do Cristianismo e a mais adequada aos tempos que correm. Já estou a entrar na velhice, mas ainda tenho muito trabalho, faltando, por isso, o tempo para ler os jornais (mesmo os católicos) que assino por dever de auxiliar a boa Imprensa. Mas d'O GAIATO não me escapa uma só palavra. Leio-o todo e... fico consolado. Que grande, oportuna e proveitosa pregação! Isto não são elogios. É aplauso que não posso reprimir.»

MEU caro senhor, nem todos aplaudem. Há muitos, infelizmente, que se sentem diminuídos, afrontados. Afligem-se. Há, sim senhor. Ainda não há muito tempo que eu levei uma tarefa no «fundo» de um quinzenário. Apanhei boas. Primeiramente, recebi um número, com grandes sinais a tinta vermelha, no sítio da tarefa. Passados tempos, recebi outro número do mesmo, nas mesmas condições! E ainda um outro número, um nadinha mais tarde. Coisa muito bem feita e muito bem calculada, meu senhor. Quando lhes parecia que as feridas estavam a querer sarar, nova pancada: «toma e lê!» Assim, os senhores do quinzenário gozaram três vezes. Não é por mim; é por eles que as feridas doem. Um jornal católico devia gostar da Luz e espalhar a Luz. Seriam mais ansiados. Mais preferidos. Todos, mesmo aqueles «que têm muito trabalho» haviam de os ler «sem lhes escapar uma só palavra e... ficar consolados». Mas não acontece assim. Metem a luz debaixo do alqueire. Contentam-se com um Cristo morto e sepultado. Não O querem ressuscitado. Não O querem vivo. Não querem que Ele reine. Eles, os «homenzinhos» dos periódicos; eles é que querem reinar! Dá pena! Sim, meu senhor. É por eles que as feridas tanto e tanto me fazem doer.

AINDA mais outra:

«A leitura do último número do seu jornal (como de resto tem acontecido com todos os outros números) comoveu-me profundamente. Todas as vezes que leio o seu jornal, comovo-me, choro, mas torno-me melhor. Deus lhe pague, além de todo o bem que faz pelos Gaiatos das ruas, o bem que faz a todos que o conhecem. Sou nova e pouco tenho de meu, mas há uma coisa, pobrezinha, de que os seus rapazes precisam e que eu posso dar a um deles. Só a um! É pouco, muito pouco, mas em todas as páginas deste missal vai um bocadinho de amor por Cristo e um bocadinho de amor por sua *Obra*. Este livro de Missa que juntamente lhe mando foi meu desde pequenina, desde que, soletrando, mal sabia ler o Nome de Deus. Mas foi sempre com o coração feliz e com a alma pura que o folhee e que, por meio dele, louvei o Senhor. Agora já sou maior, já tenho outro livro e guardava-o para os meus filhos. Mas, se ainda estou solteira, quando poderiam os meus filhos utilizarem-se dele? Por isso, mando-lho e peço-lhe que o dê a um dos seus rapazes. Eu sei que não tenho direito a pedir coisa alguma, mas gostaria tanto que estas orações que eu rezei em criança fossem agora repetidas por um Alexandre. Haverá aí algum? Desculpe-me, mas se for possível, satisfaça o meu desejo e peça a Deus que me torne digna da Graça que insistentemente lhe peço e que me esforço por merecer. Diga também ao pequenino contemplado que rezarei por ele, para que Deus o proteja e o torne um Homem. Perdoe escrever-lhe em anonimato, mas que poderá interessar o meu nome? Mas acredite que ele é acima de tudo o duma pessoa que crê em Deus e que vê na *Obra da Rua* uma *Obra de Deus*.»

D. Américo!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Benguela

Vivemos na Esperança

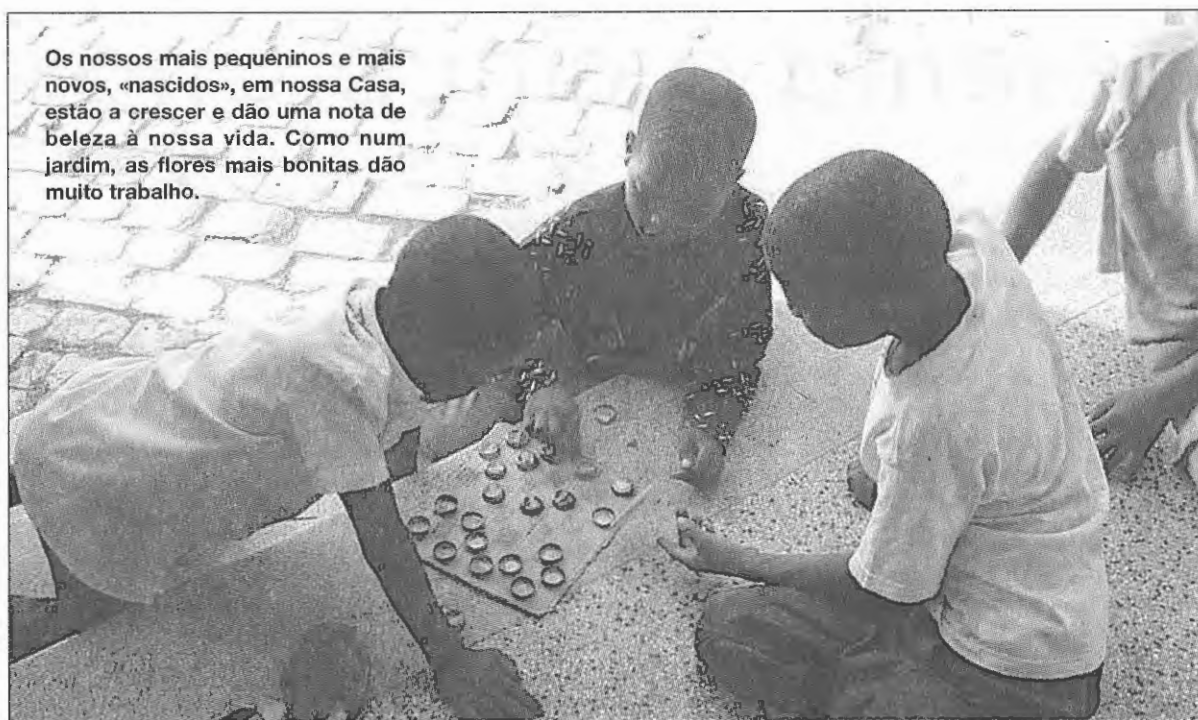
A PETECE-ME ajoelhar aos pés deles e pedir-lhes perdão por não os servir, tão bem, como é meu dever. Estes sentimentos falaram espontaneamente no meu coração, no instante em que vi os pobres e os miseráveis a bater à nossa porta. O Amor é paciente. E é posto à prova constantemente. Não há outra força maior para resgatar e salvar as pessoas. Aquele casal vai ter casa para os filhos já crescidos. Todos os dias vêm bater à porta. Outro quer levantar paredes novas, porque a casa vai cair. Um número sem conta pede cimento para dar mais segurança aos seus casebres. Não têm mais nada a não ser as nossas mãos, bem amarradas às suas. Nem esperamos outro retorno, senão a alegria de os ver felizes.

O ano lectivo está em marcha. Dezenas de pais têm seus filhos a estudar na nossa escola. São como nossos filhos também. Todo o material escolar e demais necessidades passam pelas nossas mãos. Doutra forma, ficariam na rua.

Vivemos na esperança, atentos, da chegada da hora em que possam bastar-se. Por isso, todo o material escolar é bem-vindo e suporte necessário para o êxito do estudo. Há tantas crianças fora do sistema escolar! Encontramo-las na rua, a cada instante. Porquê?!

É um problema grave que afecta o futuro da sociedade angolana. As famílias, em extrema pobreza e miséria, não têm possibilidades de colocar seus filhos nas escolas. Por isso, vão para a rua, à busca dalguns meios de subsistência. Estes meninos da rua necessitam dum apoio especial, em colaboração com a família. Perdem a estabilidade pessoal. Tornam-se crianças da rua, com família. Esta situação necessita duma resposta adequada, transitória, sem dúvida. Já são em muito grande número. Quem dera as comunidades locais, a nível de Igreja e Estado, dessem as mãos para salvar, a tempo e horas, estes filhos!

Algumas vezes, os pais procuram a Casa do Gaiato para ten-



Os nossos mais pequeninos e mais novos, «nascidos», em nossa Casa, estão a crescer e dão uma nota de beleza à nossa vida. Como num jardim, as flores mais bonitas dão muito trabalho.

tar resolver os problemas dos seus filhos. Acontece, porém, que, em geral, as crianças são mais vítimas do que réus. O ambiente familiar é mau. O lar, frequentemente, é um campo de batalha. Daí, a criança foge de casa. Não sente carinho pelos pais. Foge da escola. Procura os companheiros menos aconselháveis. A verdadeira culpa está na família que, assim, gera filhos para a rua. Quanto trabalho e quanta ajuda é precisa! Não há dúvida, porém, que a pobreza extrema e a miséria em que vive a

maioria do nosso povo são o ambiente favorável da desgraça de muitos filhos. São necessários agentes sociais, com espírito de missão, metidos de alma e coração no seio do nosso povo. Serão sempre semeadores, pois a colheita há-de vir a seu tempo, lentamente.

Os nossos mais pequeninos e mais novos, «nascidos», em nossa Casa, há 15 dias, estão a crescer e dão uma nota de beleza à nossa vida. Como num jardim, as flores mais bonitas dão muito trabalho. Assim acontece com eles. Todas

as manhãs, de batas brancas e pastas nas mãos, lá vão para a escola, felizes, à espera dos homens de amanhã. Os nossos mais velhos, com seus empregos garantidos e os anos duma juventude suficientemente amadurecida, deixam a Casa que os criou e entram na estrada da sua autonomia. Faz-se, deste modo, a circulação da vida numa Casa de família que nasceu para dar à nação o que há de maior valor: Filhos preparados para ajudar o seu desenvolvimento.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Deambulei pelas avenidas a fazer a oração da manhã. Oração nas ruas!... Hom'essa?! Sim, senhor, oração nas ruas. Oração mental nas ruas. O Reino de Deus está dentro de nós. A vida que vale é a interior. É por ela que somos notados. Eu tenho para mim que a melhor oração da noite é o trabalho do dia.

PAI AMÉRICO

Praticando o Bem

Pobres que nos batem à porta

ENTRE os pobres que, diariamente, nos batem à porta a pedir esmola — comida, roupas, remédios, etc. — os mais característicos são os ciganos, ou, melhor, as ciganas e os filhos.

É raro, muito raro, o dia em que não sejamos visitados por esta *Presença Mística*, mas real, do Senhor Jesus.

O facto da Casa do Gaiato viver exclusivamente para os Pobres e sermos seus recoveiros, faz com que, esta, se torne um pólo de atracção, também para esta pobre gente.

Nem todos os ciganos são pobres ou nómadas, pois há grupos de pessoas, desta etnia, bem posicionadas na vida, interessando-se pelos valores próprios da raça.

Pelo modo de vestir e se apresentarem publicamente, vemos que estão ligados esses valores de decência, de beleza e estética, mas são muito poucos os que se dedicam aos mais pobres e muitos deles até os desprezam.

Estes, acampam nas cercanias da Casa do Gaiato. Em lugares onde encontram espaço e água. Montam as suas tendas. Param

Configurações

Continuação da página 1

Esta espécie de retorno à Natureza tornou-se a chave axiológica do seu método educativo. Assim, o conforto e o bem-estar materiais, considerados na sua justa medida, não podem ser simples desiderato ou operação de cosmética. A sua implementação, como valores, é uma opção indispensável para o êxito global da acção educativa. «Não se pode pregar o Evangelho a estômagos vazios»... «em antros de miséria moral, não se pode pregar moralidade», como nos recorda Pai Américo.

Tais configurações levadas à profundidade são responsáveis pela construção «do Homem de Bem» que atinge esse patamar através do exercício daquele conjunto de virtudes humanas constitutivo de qualquer projecto de vida: o desenvolvimento da inteligência, o amor ao trabalho, a educação à profissionalização e a aquisição de uma mentalidade solidária e humanizante. Tais virtudes são prioridade a configurar neste universo educativo que, necessariamente, apontará, como meta final, a abertura ao transcendente.

Padre João

as carroças, prendem o gado cavalar, que normalmente é sua propriedade, objecto do seu negócio e motor de transporte.

Fazem praça de convívio à volta de, uma ou mais, fogueiras, em campo aberto, ao calor e à luz das quais também transmitem, às próprias gerações, toda uma cultura própria que, às vezes, sob o ponto de vista humano é uma incultura, sempre conveniente aos mais fortes e poderosos, em hierarquias bem definidas, quase como leis sagradas e ritos religiosos, de forma a marcarem bem a consciência das pessoas com padrões vivenciais irreversíveis. Este ambiente cultural dado às

crianças e aos jovens e comungado, continuamente, pelos adultos, em conversas, atitudes, posições e imposições sociais, modo de viver e, também, de se relacionarem socialmente, forma um círculo cultural fechado, obstáculo, quase intransponível, à sua aculturação com outros Homens.

É uma dificuldade, quase natural, desta etnia a que estamos sujeitos; eles e nós. Ninguém pretenda, à força, vencer estas barreiras.

Os mais pobres, desprotegidos, ignorantes são as vítimas mais sofredoras.

Os valores humanos da cultura cigana devem ser, não só

respeitados, mas, mais ainda, preservados. Os preconceitos que alimentam, relativos à outra gente não se ultrapassam nem à força, nem numa, duas, ou três gerações.

Vencer-se-ão com paciência, muita paciência, ao longo dos anos e, sobretudo, com piedade e muita dedicação.

Às vezes, encontro-os a lavarem-se nas fontes e correntes de água. No Verão, até me agrada, mas... no Inverno!... no gelo... e com crianças!... meu Deus!...

Já te aproximaste, alguma vez, das mulheres e homens mais pobres e lhe sentiste o cheiro? Como a vida é amarga!...

Vejo a Igreja Católica preocupada em ajudar os ciganos. Há iniciativas com escolas, com encontros, mas são apenas sinais do que é urgente.

É necessário usar todos os meios para atrair as crianças à escola. E que a Igreja não tenha medo de se queimar com estes Pobres!...

As principais cidades deviam apetrechar-se de balneários para homens e para mulheres e crianças, de acordo com o seu nível e mentalidade. A higiene é um tónico de proximidade!

Autarquias, Caritas, Escolas, Conferências Vicentinas, mais Entidades que sofram! Todos de mãos dadas por esta gente... Sem ambições e sem recuos!

Alguns municípios facultam estruturas de apoio a esta gente nómada quase por destino. Sinais positivos, mas!... Só sinais.

Padre Acílio